



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

MARIANA DIAS DE MOURA

SERIAL KILLERS: O PRAZER NA MORTE

Ariquemes - RO

2017

MARIANA DIAS DE MOURA

SERIAL KILLERS: O PRAZER NA MORTE

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial a obtenção do título de bacharelado em: Trabalho de Conclusão de Curso.

Prof. Orientador Ms: Eliane Alves Almeida Azevedo.

Ariquemes – RO

2017

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) Biblioteca Júlio Bordignon – FAEMA

M929s MOURA, Mariana Dias de.

Serial Killers: o prazer na morte. / por Mariana Dias de Moura. Ariquemes: FAEMA, 2017.

35 p.

Trabalho de Conclusão de Curso - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.

Orientador (a): Profa. MSc. Eliane Alves Almeida Azevedo.

1. Psicologia. 2. Serial Killer. 3. Psicopatia. 4. Perversão. 5. Vítima. I. AZEVEDO, Eliane Alves Almeida. II. Título. III. FAEMA.

CDD: 150.

Bibliotecário Responsável
EDSON RODRIGUES CAVALCANTE
CRB 677/11

MARIANA DIAS DE MOURA

SERIAL KILLERS: O PRAZER NA MORTE

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Orientador Ms. Eliane Alves Almeida Azevedo
FAEMA – Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Prof. Dr. Roberson Geovani Casarin
FAEMA – Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Psicóloga Gabriele Pacheco Santos

Ariquemes, 27 de novembro de 2017.

Dedico este trabalho à Deus, por ser minha força e refúgio em
minha trajetória.

Aos meus pais, pelo amor incondicional, por todo apoio e por
confiar em mim, quando eu mesma duvidei das minhas capacidades.

Aos meus irmãos, por todo apoio e pelos momentos de
descontração.

As minhas amigas por sempre me incentivarem e apoiarem.

AGRADECIMENTOS

A Deus por sempre guiar meus passos.

Aos meus pais, Antonio e Edina, por sempre serem minha base e oferecerem todo o apoio, paciência e compreensão durante todos esses anos de estudo.

Aos meus irmãos Emanuely e Vinícios pelo amor, amizade, carinho e companheirismo.

A professora e orientadora Eliane Alves Almeida Azevedo, por sempre mostrar a melhor maneira de se realizar e desenvolver a conclusão deste trabalho.

Aos meus amigos em especial Ana Cristina da Silva, Priscila Schultz, Cleidiana da Silva, por me incentivarem nos momentos em que achei que tudo estava perdido.

De todas as criaturas já feitas, o homem é a mais detestável. De toda criação ele é o único que possui malícia. São os mais básicos de todos os instintos, paixões, vícios - os mais detestáveis. Ele é a única criatura que causa dor por esporte, com consciência de que isso é dor.

MARK TWAIN

RESUMO

O presente trabalho busca compreender como ocorre a preparação do serial killer, antes, durante e depois de seus crimes, os sentimentos despertados neste indivíduo e os motivos por trás dessa série de assassinatos. A realização do mesmo se deu através da revisão de literatura, através de artigos, livros e monografias de cunho científico. A realização da pesquisa se deu, por ser notório que o tema serial killer, é destacado na imprensa, por meio dos telejornais, mas, pouco discutido na literatura brasileira, apresentando uma carência de artigos científicos que abordem sobre o mesmo. São bases presentes deste trabalho o conceito de psicopatia, perversão, serial killer, o processo de escolha da vítima e a classificação de cada serial.

Palavra-chave: *Serial killer*, Psicopatia, Perversão, Vítima.

ABSTRACT

The present research seeks to understand how the preparation of the *Serial Killer* occurs, before, during and after their crimes, what are the feelings aroused in this individual and the reasons behind these series of murders. The accomplishment of this occurred through the literary revision of articles, books and scientific monographs. The research was done, because it is noteworthy that the theme *serial killer* is emphasized in the mainstream press, through television news, but little discussed in the Brazilian literature, presenting a lack of scientific articles that address about the same. The present bases of this research are the concept of psychopathy, perversion, *serial killer*, the process of choosing the victim and the classification of each *serial*.

Keywords: *Serial Killer*, Psychopathy, Perversion, Victim.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EUA - Estados Unidos da América

DSM-V - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

PCL-R - *Psychopathy Checklist – Revised*

FBI - *Federal Bureau of Investigation*

BSU- *Behavioral Sciences Unit*

VICAP - *Violent Criminal Apprehension Program*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	11
2.1 OBJETIVO GERAL	11
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3 METODOLOGIA	12
4 REVISÃO DE LITERATURA	13
4.1 DEFININDO PSICOPATIA	13
4.2 DEFININDO PERVERSÃO	18
4.3 <i>SERIAL KILLER</i>	21
4.3.1 Conceituando “ <i>serial killer</i> ”	21
4.3.2 <i>Serial killer</i> e sua vítima: <i>modus operandi</i>	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29
ANEXOS	34

INTRODUÇÃO

Muito se ouve falar sobre *serial killer*, principalmente nos noticiários, pois, os mesmos são responsáveis por despertar medo e aflição em moradores de uma determinada comunidade, devido aos inúmeros assassinatos cruéis que são cometidos contra suas vítimas.

O ato de seleção de suas vítimas envolve todo um processo de sedução e de convencimento, todo esse processo pode ser subentendido como uma busca pelo prazer, a maneira como ocorre, em maior parte das mortes o assassino não conhece suas vítimas e antes de cada morte existe todo um processo realizado para conseguir fisgar essa presa.

O termo *serial killer* foi criado e utilizado por Robert Ressler, um agente aposentado do *Federal Bureau of Investigation* (FBI) nos anos 70, para nomear pessoas que praticam uma série de assassinatos com certo intervalo de tempo entre eles, geralmente esses indivíduos começam a por em prática sua onda de assassinatos entre os vinte e trinta anos e, só param quando apreendidos ou mortos pela polícia.

Serial killer geralmente são pessoas que durante a infância passaram por algum tipo de negligência, sendo maus tratos, violência sexual, violência física ou presenciaram algum tipo de agressão contra algum de seus familiares; por passarem por esse tipo de trauma na infância, o *serial killer* acaba crescendo frustrado e, através dos seus atos brutais acabam obtendo o gozo temporário para suprir sua frustração.

A escolha de suas vítimas ocorre de forma aleatória e, elas possuem um mesmo porte físico característico, a mesma faixa etária e sempre são pessoas vulneráveis e frágeis, pois, gostam de serem os dominadores da situação, fazendo suas vítimas como objeto de sua fantasia.

A realização desta pesquisa é importante, pois, apesar desses casos ocorrerem com menos frequência no Brasil, nota-se a carência de materiais de cunho científico sobre o tema, e por falta desse material existe uma grande dificuldade dos profissionais brasileiros em identificarem e classificarem esses indivíduos.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender o prazer existente para o *serial killer* no ato de matar.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Definir psicopatia;

Conceituar o matador em série: *serial killer*;

Entender os processos psicológicos do *serial killer* na escolha de suas vítimas;

Compreender a importância do ritual para o *serial killer*.

3 METODOLOGIA

O trabalho apresentado configura-se uma revisão de literatura, sendo um método de investigação, análise e descrição, de um assunto específico, sendo que a 'literatura' cobre todo o material relevante escrito sobre um tema: livros, artigos de periódicos, teses e dissertações entre outros.

A pesquisa foi realizada entre os meses de fevereiro à outubro do ano de dois mil e dezessete, será utilizado como fundamentos de pesquisa artigos da língua portuguesa, espanhola e inglesa, os referentes materiais serão encontrados através dos periódicos com data de publicação entre os anos de 2000 a 2017, disponibilizados na biblioteca da instituição, nas bases de dados de sites de cunho científico, sendo eles: google acadêmico, bvs, *scielo*, *pepsic*.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 DEFININDO PSICOPATIA

Nos dias atuais é muito comum ver nos telejornais, notícias sobre indivíduos que cometem uma série de assassinatos brutais e impiedosos, esses assassinos são chamados de psicopatas e, esses crimes são cometidos com grande frequência em outros países, sendo poucos os casos registrados em solo nacional. Nos Estados Unidos da América (EUA), os psicopatas são responsáveis por 50% em média dos crimes violentos cometidos em seu território (EMILIO, 2013, p. 5).

No contexto popular esse termo é utilizado para descrever um indivíduo que possui comportamentos considerados não normais diante do padrão social, os indivíduos considerados psicopatas na crença popular são aqueles que em qualquer momento podem cometer algum tipo de loucura, assassinato, perseguição, entre outros comportamentos de origem agressiva. No contexto científico, a psicopatia é definida de diversas formas e maneiras por vários autores. Mas o que de fato é a psicopatia? Qual a sua real definição?

Henriques (2009), esclarece que o termo é originário do grego, durante o século XIX, que significa *psyché*= alma e *pathos*= paixão, sofrimento”, este termo era utilizado na literatura médica como forma de definir indivíduos que possuíam doenças mentais e encontravam-se internados nos grandes manicômios.

Philippe Pinel, em 1809, desenvolve o conceito *manie sans délire* (mania sem delírio), para descrever os indivíduos cujos comportamentos não continham restrições morais, cujas consequências de seus atos mostravam-se danosas para os outros (SANTOS, 2016, p.14). Já na literatura, o termo psicopatia foi introduzido pela Escola de Psiquiatria Alemã. Kraepelin 1904 (apud DAVOGLIO, 2010), clarifica que na personalidade psicopática estão presentes casos de inibição do desenvolvimento da personalidade, em que se refere ao afeto, volição e alguns casos de psicose.

O termo psicopatia é utilizado para definir uma série de comportamentos, que nos anos passados eram considerados como repugnantes no meio social, portanto, a mesma não pode ser classificada como doença mental, e sim, uma personalidade diferenciada, onde o outro não possui significado algum (LETNER, 2013). No

Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), a psicopatia é qualificada como um Transtorno de Personalidade Antissocial (APA, 2014).

Indivíduos com diagnóstico de psicopatia não são considerados psicóticos, nem doentes mentais, pois, não apresentam sintomas, como alucinações, delírios ou psicoses; sendo conhecidos por desprezarem as normas sociais e por não considerar os sentimentos de outras pessoas (ANTON, 2014).

Conforme apresentado no DSM – V (2014), para que seja realizado o diagnóstico do Transtorno de Personalidade Antissocial, é necessário que o sujeito tenha no mínimo 18 anos completo, e que tenha apresentado algum desses sintomas:

1. Fracasso em ajustar-se às normas sociais relativas a comportamentos legais, conforme indicado pela repetição de atos que constituem motivos de detenção;
2. Tendência à falsidade, conforme indicado por mentiras repetidas, uso de nomes falsos ou de trapaça para ganho ou prazer pessoal;
3. Impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro;
4. Irritabilidade e agressividade, conforme indicado por repetidas lutas corporais ou agressões físicas;
5. Descaso pela segurança de si ou de outros;
6. Irresponsabilidade reiterada, conforme indicado por falha repetida em manter uma conduta consistente no trabalho ou honrar obrigações financeiras;
7. Ausência de remorso, conforme indicado pela indiferença ou racionalização em relação a ter ferido, maltratado ou roubado outras pessoas (APA, 2014, p. 659).

Adultos e crianças com disposições psicopáticas, são indiferentes às diferenças existentes entre ações consideradas erradas socialmente, e as erradas moralmente (OLIVEIRA, 2011). Como características frequentes do comportamento desses indivíduos, SALDANHA (2017), diz que se encontram presentes:

1. Ausência de empatia;
2. Utilização de mentiras, despidoradamente;
3. Inteligência (QI) acima da média;
4. Habilidade para manipular pessoas e liderar grupos;
5. Desconsideração pelos sentimentos alheios;
6. Egoísmo exacerbado;
7. Banalização do indivíduo;
8. Problemas na autoestima;
9. Ausência de culpa e compaixão;
10. Responsabilização de terceiros por seus atos;
11. Ausência de medo de ser pego;
12. Impulsividade;
13. Inaptidão para aprender com punição ou experiências (SALDANHA, 2017, p.17).

Rezende através de sua obra “Personalidade Psicopática”, publicada no ano de 2011, cita dois tipos existentes de psicopatia, sendo eles, a psicopatia de grau leve e a psicopatia de grau moderado a grave. No primeiro caso, é difícil de se obter o diagnóstico, por serem pessoas inteligentes que acabam passando despercebidos na sociedade e raramente matam, são pessoas frias e que mentem com frequência, charmosos e manipuladores; quando presos conseguem diminuir sua pena, por encenar um comportamento exemplar. Já no segundo caso, apesar de apresentarem características idênticas aos psicopatas de grau leve, são considerados como mais perigosos, por possuírem como características de seu comportamento agressividade, mentira e até mesmos serem impulsivos, são os verdadeiros autores de golpes e assassinatos.

Quando se busca compreender o contexto familiar no qual esses indivíduos foram criados, é possível observar, que quando crianças passaram por situações de descaso, situações de conflitos, maus-tratos, pais alcoólatras, presença de violência familiar, entre outros.

“Nem toda criança infeliz se torna um psicopata, o processo dessa transformação começa, quando este cria uma série de saídas ou justificativas para os seus atos, gerando as desculpas para os comportamentos violentos” (CABRAL, 2010 apud SOUZA, 2017, p. 80).

Bins (2016) diz que, através dos estudos forenses é possível observar que psicopatas encarcerados apresentam níveis mais altos de abuso do que os demais presos, e a soma dos eventos e o abuso emocional estão associados com os escores de *Psychopathy Checklist – Revised* (PCL-R)¹; estes indivíduos são conhecidos por apresentar um comportamento completamente artificial, evidenciando serem frios e calculistas, possuidores de total controle de suas emoções.

No decorrer da infância já é possível observar em algumas crianças atributos que chamam a atenção de pais e profissionais da Psicologia para seu comportamento, tais como a micção involuntária em idade fora do normal, matar ou maltratar animais e até mesmo destruir propriedades (SALDANHA, 2014).

Alvarez (2004), ressalva que, um psicopata não é essencialmente um assassino em série, já que, apenas alguns tornar-se-ão assassinos seriais, do

¹ A escala *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R), escala de pontuação para avaliação de psicopatia em populações forenses masculinas desenvolvida por Robert Hare (MORANA, 2003, p. 41).

mesmo modo é incorreto dizer que todo sujeito diagnosticado com psicopatia será um criminoso ou um assassino, eles em sua grande parte são pessoas inescrupulosas como, por exemplo, pedófilos, estupradores, entre outros.

Aqueles que optam seguir este caminho tornam-se verdadeiras máquinas do mal, espalhando dor e tristeza por onde estiverem devido aos brutos assassinatos que são capazes de cometer (EMILIO, 2013). Desde novos tendem a iniciar sua vida criminosa e, praticam os mais variados tipos de delitos, são os mais indisciplinados no sistema prisional, apresentam resposta insuficiente nos programas de reabilitação (SALDANHA, 2014).

Para Oliveira (2011), a psicopatia é compreendida atualmente pelos estudiosos, como um tipo de personalidade que tem como principais características a falta acentuada de culpa, remorso e preocupação empática com os outros. O psicopata precisa obter uma atenção emocional voltada a ele, não possui nenhum tipo de preocupação em relação aos sentimentos dos outros, são verdadeiros egocêntricos e manipuladores, donos de um verdadeiro encantamento superficial, possuem completo controle racional e não têm delírios.

Entre as principais características da psicopatia encontram-se presentes a falta de alucinação e delírios, através ausência de manifestações neuróticas, pela impulsividade, falta de responsabilidade, encantamento ilusório, egocentrismo patológico, arrogância, inaptidão de amar, ausência de demonstrações afetivas, ausência de culpa e vergonha (DAVOGLIO, 2010).

O psicopata apresenta um estilo interpessoal enganador e arrogante, desinibido, egocêntrico e auto engrandecido, levando-o a mentir, trapacear e manipular facilmente (DAVOGLIO, 2011, p. 148). Por possuírem pouca capacidade de sentir remorso ou culpa, são incapazes de aceitar a responsabilidade de suas ações, o que acaba gerando o comportamento impulsivo e irresponsável do mesmo, pois, se a sua prática for bem sucedida ele passará a sentir-se estimulado para cometer seus atos criminosos.

Segundo Lilienfeld (apud SCHERER, 2016), no primeiro momento mostram-se encantadores, causando boa impressão, mas na verdade são egocêntricos, irresponsáveis, injustos e não dignos de confiança, nos quesitos amorosos são insensíveis e odeiam compromisso, como forma de justificar seu comportamento inadequado, sempre possuem alguma desculpa e acabam culpando os outros.

O psicopata encontra-se sempre em busca de realizar seu próprio prazer, por isso, age como se tudo lhe fosse permitido, sente-se excitado com a possibilidade de afrontar com situações proibidas repletas de riscos. Ao matar cobiçam humilhar a vítima para reafirmar sua autoridade e confirmar sua autoestima (MURIBECA, 2008). Para eles, o prazer de praticar esses atos bárbaros está vinculado ao risco proporcionado pela situação, sendo assim, agem por impulso sem pensar nas consequências que esses atos trarão para si e para suas vítimas.

Adultos e crianças com tendências psicopatas são insensíveis às diferenças entre as ações vistas como erradas socialmente, e as erradas moralmente, essa distinção é o principal alicerce para um raciocínio moral e, um julgamento moral posterior (OLIVEIRA, 2011). Possuem traços emocionais, que também são específicos, como a falta de remorso, falta de empatia, poucas emoções, são pessoas superficiais, são manipuladores e quase sempre se sentem superiores diante das outras pessoas. Como os sentimentos de remorso e culpa não são característicos de seu comportamento, os psicopatas passam a colocar seus desejos acima de qualquer coisa, para obter o gozo desejado e para que isso aconteça não medem esforços na realização desse desejo, sendo assim, desfrutam apenas da sua razão e do seu desejo, não pensando nas consequências de seus atos, pois, não poupam esforços para alcançar suas metas, não se arrependem do que fazem (LETNER, 2013).

Nota-se que durante suas conversas com o intuito de convencer as pessoas ao seu redor, os psicopatas costumam usar expressões de manipulação, conduz a conversa, permanecendo sempre calmo, mantendo o tom de voz e jamais mostrando irritação, não transpira e não possui alteração em seu batimento cardíaco, mesmo estando sob pressão, por não reconhecer as ligações emocionais (REZENDE, 2011).

Quando esses indivíduos são presos por cometerem algum tipo de crime, eles se colocaram no papel de inocentes, para enganar os guardas e os outros presos que ali estão, pois o seu objetivo é o de apresentar um comportamento de fragilidade, tentando fazer com que todos acreditem que de fato ele é uma pessoa inocente. Eles não usarão esse tempo para refletir sobre os atos de crueldade cometidos por eles, pelo contrário, eles aproveitarão esse tempo para arquitetar seu próximo crime, quando em liberdade (MARTA, 2010, p. 311).

Justamente por mascararem seu comportamento e verdadeiro eu, é que se torna difícil a realização do tratamento dos mesmos, mas, se houver a possibilidade, o tratamento deve acontecer de forma prolongada e contínua, sem que haja delimitação de tempo para o encerramento da mesma.

4.2 DEFININDO PERVERSÃO

Nos tempos atuais a palavra perversão vem sendo utilizada de maneira popular para se referir a indivíduos que como formas de saciar seus desejos, causam as mais terríveis dores e torturas em outras pessoas para conseguir obter o gozo desejado, não se importando com a dor sofrida pelo outro.

E no contexto científico o que vem a ser a perversão? Como a mesma é caracterizada? Quais são os fatores que levam um sujeito a apresentar o comportamento perverso? Para responder a essas questões deve-se ir a fundo na história, onde tudo começou, desde a origem da palavra, até a realização e conclusão das observações realizadas pelos estudiosos nos tempos atuais.

Ferraz (2010), esclarece que o termo perversão é derivado do latim “*perversione*”, que indica o ato ou efeito de perverter-se, tornando-se, perverso ou mau, podendo assinalar a alteração ou o transtorno de uma função. Essa palavra foi utilizada durante muito tempo de forma banal, sem que houvesse algum estudo profundo sobre o tema, sendo utilizada apenas para caracterizar comportamentos que fossem vistos como inadequados pelo padrão moral e religioso.

É durante o século XIX que a palavra perversão passa a ser incorporada ao dicionário de medicina, nas quais as primeiras intervenções são realizadas e ainda estão vinculadas à medicina legal, e visa fornecer suporte a avaliação do sujeito que infringe as normas adequadas (CORRÊA, 2006). Um dos grandes pioneiros no estudo da perversão foi Freud, que fala pela primeira vez sobre o assunto em seu livro “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, escrito em 1905; nessa obra ele assevera sobre a constância das tendências perverso-polimorfas na vida adulta, que apenas deveriam estar presentes na fase sexual pré-genital infantil (GONÇALVES, 2008, p. 19).

Em seus estudos Freud instrui que a pulsão sexual é composta por componentes diferentes que se dissociam nos quadros das perversões, assim sendo, Freud estabelece a distinção que existe entre a perversão e a neurose (CORRÊA, 2006); esta distinção é estabelecida a partir do pressuposto de que no caso de pessoas neuróticas existe a presença de um conteúdo recalçado, já no caso do perverso, não existe a presença deste conteúdo e, sim uma recusa do perverso sobre a realidade.

As crianças ao se autossatisfazerem sexualmente podem ser consideradas como perversas, pois, o que ocorre na estrutura de uma pessoa perversa é que o mesmo não se submete à lei paterna (SEQUEIRA, 2009). A perversão ocorre através da negação da existência de diferenças dos sexos, trazendo para a realidade a problemática da castração, fazendo com que o ego ative seus mecanismos de defesa, evitando a realidade da castração, o indivíduo sente-se angustiado e nega a diferença que existe entre os sexos, e a ameaça que está diferença representa para si (HARRATI 2006 *apud* CALHEIROS, 2013).

Santos (2013), esclarece que esse momento é marcado pela cumplicidade libidinal materna, que assegura o prazer do sujeito através da mãe, que vai mais adiante que a satisfação de suas necessidades, e por uma complacência de um pai que não se faz intervir, desse modo, o perverso não passa pelo narcisismo de forma saudável e, quando percebe a castração ele não suporta a realidade e passa a negar a mesma.

Por não aceitar a castração, a forma encontrada por ele para obter o prazer é através de uma pulsão parcial e zonas que o permitam obter o gozo e sentir-se compensado psicologicamente. Como não conseguem passar pela narcisização de maneira saudável e não conseguem aceitar o fato de que a mãe não possui o falo.

Em seu cotidiano o perverso tem um enorme trabalho para não se deparar com a castração; ele se vê obrigado a teatralizar o tempo todo com as outras pessoas, adotando papéis rígidos, de forma a não deixar aparecer a falta, e se proteger contra a angústia da castração (SEQUEIRA, 2009).

Para Laplanche e Pontalis (2001) citado por Macedo (2009), a perversão é vista somente no âmbito da sexualidade e de forma geral, pode ser determinada como comportamentos psicosssexuais atípicos para o alcance do prazer sexual, já que, existem dois tipos distintos de perversão apresentado por Freud, sendo eles a perversão de objetos e a perversão do alvo sexual.

No caso da perversão de objetos, estão presentes alguns casos de homossexualidade, pedofilia, relações incestuosas, zoofilia, necrofilia entre outros. Já no caso da perversão do alvo sexual, não existe um objeto sexual desviante, pois, o desvio está no objeto já que a obtenção do prazer está submissa a uma ação; nesta categoria encaixam-se o exibicionismo, sadismo, masoquismo, entre outros (SILVA, 2012, p. 56), portanto só é considerado perversão quando o sujeito consegue obter prazer através de objetos sexuais ou de situações eventuais que proporcionam o alcance do orgasmo por si só.

Como já foi dito o perverso sente prazer em desafiar a lei e principalmente suas autoridades, pois, o prazer do mesmo consiste no fato de que conhecendo a lei, ele pode driblá-la diante um terceiro testemunho (CHECCHINATO, 1997 *apud* PAULA, 2016), o outro é visto como um objeto, cujo único motivo de existência é o de realizar seus desejos sexuais. Dessa maneira, esses sujeitos são vistos como pessoas que sentem prazer por serem capazes de provocar o pânico, a dor e o medo em outrem, como também sendo os praticantes de relações sexuais bizarras e incomuns (GONÇALVES, 2008, p. 18). São vistos dessa forma, pois não hesitam na hora de pôr suas vontades sexuais em prática, suas fantasias podem chegar ao extremo, o que acaba sendo excitante para eles.

Para o perverso o outro tende a ignorar o que venha a ser o objeto de seu desejo, logo, é ele, o próprio perverso o único que sabe sobre a verdade do gozo do outro (STACUL, 2016), dessa forma, ele se intitula como o dono da verdade e, que ele sabe o que vai ser satisfatório para ele e para o outro, pois, o mesmo acredita que o prazer é algo que todo ser humano possui o direito de possuir.

O sexo feminino será desafiado pelo perverso através do fetiche, quando o mesmo simula que a mulher é a principal agente da castração, sendo assim, ele poderá dar a mesma o poder absoluto na relação, em troca realiza com ele os seus próprios desejos, submetendo seu corpo a mutilações e provas de extremas torturas, tudo na busca de obter o tão desejado gozo (AULAGNIER-SPAIRANI, 2003).

O desejo de colocar o outro em situações dolorosas pode ser compreendido como forma de identificação, na qual o perverso projeta as angústias que encontram-se aprisionadas dentro de si, desta maneira, pode-se dizer que o ápice do prazer, na perversão, coincide com o momento em que a parte central do trauma está sendo encenada no ato sexual (FERRAZ, 2010, p. 86), ao encenar sua fantasia

sexual com o outro, o perverso consegue obter a realização de seu desejo e satisfação do seu gozo de forma temporária, porém, essa satisfação não dura muito tempo e será colocado em prática novamente em outro momento que lhe for oportuno.

4.3 SERIAL KILLER

4.3.1 Conceituando “*serial killer*”

O termo *serial killer* foi citado pela primeira vez em meados de 1970, por Robert Ressler um ex-agente aposentado do *Federal Bureau of Investigation* (FBI), Ressler trabalhava em uma unidade do FBI, chamada *Behavioral Sciences Unit* - BSU (Unidade de Ciência comportamental), que tinha sua base instalada em Quântico, na Virgínia (CASOY, 2004). O BSU é uma biblioteca que contém diversas entrevistas realizadas e gravadas com *serial killers*, já condenados nas penitenciárias americanas, o objetivo dessas entrevistas era de obter melhor compreensão dos fatores psicológicos que levaram esses indivíduos a cometerem os atos criminais.

No entanto, só é considerado um *serial killer*, quando um ou mais indivíduos põe em prática um segundo ou até mesmo terceiro assassinato, sendo assim, não há nenhum tipo de envolvimento ente vítima e agressor, e os homicídios futuros são realizados em diferentes momentos, não tendo algum tipo relação com a morte inicial (ALVAREZ, 2004). A escolha da vítima geralmente ocorre de maneira aleatória e na maior parte não existe algum tipo de relação entre vitima e agressor.

Segundo Casoy (2004), a primeira barreira existente na definição de um *serial killer* é que algumas pessoas necessitam ser executadas, para que ele possa ser classificado neste gênero. Alguns estudiosos acreditam que para a pessoa ser classificada como *serial killer* é necessário que ela cometa pelo menos duas mortes, já para outros estudiosos acreditam que o número de homicídios deve ser de três em diante.

Vellasques (2008), esclarece que o departamento de polícia americano, possui, equipamentos avançados que facilitam na investigação desses tipos de casos, prova disso é que possuem o *Violent Criminal Apprehension Program* (VICAP), um programa de computador que registra os assassinatos em sua base de dados, facilitando relacionar velhos homicídios a novos fatos.

Diferente da realidade americana, no Brasil existe a dificuldade da polícia na identificação do assassino *serial* pelo fato de que os estudos sobre esse tema no âmbito judiciário brasileiro é carente de informações detalhadas; com a falta de estudos sobre o tema, muitos casos brasileiros acabam não sendo julgados, resultando no arquivamento desses casos.

Essa carência de matérias sobre o tema acontece, porque, esses tipos de crimes são mais frequentes nos Estados Unidos da América (EUA), no Brasil existem casos, porém, os números de assassinos *seriais* são menores, estima-se que a maior parte dos assassinos em série brasileiros são homens, brancos, com idade que vai dos 20 aos 30 anos, vieram de famílias desestruturadas, passaram por algum tipo de maus-tratos ou até mesmo foram molestados no período da infância (MARTA, 2009).

Para Muribeca (2008), a família é considerada como elemento fundamental na construção da subjetividade e da vida psíquica do sujeito, deste modo, a realidade desse ambiente familiar é essencial para o desenvolvimento psíquico do indivíduo; se no período da infância a criança cresce em um ambiente repleto de problemas familiares como abusos, violência doméstica, descaso familiar entre outros o mesmo tende a desenvolver em seu comportamento traços psicopáticos.

Morana (2006) diz que, entre os *serial killers* mais sádicos, existem diversos que provaram violência e humilhação nas mãos de um ou de ambos os pais, assim como também têm aqueles que não passaram por essa experiência violenta; nem todos passaram por situação de humilhação e maus-tratos quando crianças, porém, quando se pesquisa o histórico de vida dessas pessoas é comum ouvir relatos de que quando crianças sofreram algum tipo de agressão física ou psicológica causada pelos pais.

Ao investigarmos o contexto familiar e social no qual esse indivíduo foi criado, depara-se com pessoas que tiveram uma infância repleta de traumas, devido a maus-tratos físicos ou psíquicos, e por isso, tendem a isolar-se da sociedade e/ou vingar-se dela (BALLONE, 2003 *apud* MARTA, 2009).

Para Alvarez (2008), grande parte dos delinquentes passaram por situação de humilhação pública na sua infância, praticada em parte pelos pais ou colegas de escola. Nem toda criança que sofre ou sofreu agressão ou abandono em sua infância, irá se tornar um criminoso quanto adulto, muitos apesar de terem passado por algum tipo de transtorno familiar no período da infância, quando adultos seguem sua vida de forma normal e tranquila.

4.3.2 *Serial killer e sua vítima: Modus Operandi*

Uma das ferramentas utilizadas na identificação de um *serial killer* é a forma de execução da morte de suas vítimas, pois, cada *serial* possui uma assinatura característica no momento da execução de sua vítima, a essas assinaturas dá-se o nome de *modus operandi*, ele é instituído através da observação sobre que arma foi utilizada, o tipo de vítima escolhida e o local em que foi executada a morte (CASOY, 2004).

Casoy (2004), explica que o *modus operandi*, é compreendido como a forma de ação desse indivíduo antes de por em prática seus crimes, são as técnicas utilizadas pelos mesmos no decorrer de seus atos brutais e, conforme o assassino vai cometendo seus homicídios ele tende a aperfeiçoar a maneira de executar esse *modus operandi*. Já a assinatura é vista como a digital do assassino, ela é singular e expressa a verdadeira necessidade do sujeito em cometer o crime, ela é identificada através do *modus operandi* apresentado pelo assassino e, é entendida como a combinação dos comportamentos apresentados pelo mesmo (SAMPAIO, 2015).

Silva (2017) certifica que, o *modus operandi* assegura o sucesso do delincente em sua empreitada, protege sua identidade e garante que a fuga tenha sucesso, porém, encontrar o mesmo *modus operandi* em diversos delitos não ajuda no ligamento de um crime ao outro. Conforme o sujeito passa a praticar esses atos criminais, as técnicas de execução das mortes de suas vítimas passam a ser modeladas e melhoradas, fazendo com que a execução dessas mortes sejam quase que perfeitas, após a identificação do *modus operandi*, os *serial killers*, são classificados pelas autoridades como sendo organizados ou desorganizados.

Os *serial killers* considerados organizados são aqueles que levam seus atos criminosos a sério, planejam seus atos de modo cauteloso, e carregam o material necessário para por em prática suas fantasias e, ao interagirem com a vítima, praticam o estupro e a tortura (MARTA, 2010), além de terem o cuidado em planejar seus atos, esses indivíduos geralmente acompanham o desenvolvimento da perícia e os noticiários; são pessoas solitárias, pois, acreditam serem superiores aos demais, são bem empregados, socialmente é visto como um exemplo e são bem casados, passando despercebidos pela polícia facilmente.

Já os *serial killers* classificados como desorganizados são aqueles considerados estranhos, solitários, além de serem desorganizados com a sua aparência, dentro de casa, com seus carros, além de escolherem suas vítimas de forma aleatória, não acompanham noticiários e nem as investigações da perícia sobre o curso de seus atos, agem com ira, gratificam-se com abuso sexual ou mutilação e, nessa categoria, encontramos canibais e necrófilos (CASOY, 2014).

Além de serem classificados como organizados e desorganizados, são também classificados como, visionários, missionários, emotivos e libertinos; sobre essas classificações Silva (2017), diz que:

Indivíduos visionários são aqueles completamente insanos, psicóticos, ouve vozes dentro de sua cabeça e tende a obedecer, podem ter também alucinações de todos os tipos, como também visões. Os *missionários*, agem naturalmente em sociedade, mas seu interior deseja se livrar do mundo que julga ser imoral e indigno, escolhe certo tipo de grupo vingar-se e por em prática seus desejos mais insanos, como prostitutas, homossexuais, etc. Já os *emotivos* matam por pura diversão, dos quatro tipos existentes é o que mais sente prazer em matar e utiliza os requintes mais sádicos e cruéis, obtendo prazer desde o processo de planejamento do crime. Por fim, têm-se os libertinos ou *sádicos*, são assassinos sexuais, matam por mero desejo, seu prazer está intimamente ligado ao sofrimento da outra pessoa, sendo assim, o ato de mutilar e torturar lhe proporciona imenso prazer sexual, os canibais e necrófilos pertencem a este grupo (SILVA, 2017, p. 12-13).

Identificar e classificar em qual categoria esses indivíduos pertencem, possibilita compreender a atitude de cada assassino ao elaborar seus atos, seu *modus operandi*, sua maneira de pensar, a maneira de agir, e os critérios considerados por ele ao escolher suas vítimas, dessa forma o trabalho da equipe responsável por investigar esses casos torna-se mais fácil, pois, acham apoio em sua base de dados, que possibilita na identificação.

A escolha da vítima ocorre de maneira aleatória, ou seja, o assassino não possui nenhum tipo de ligação física ou cotidiana com as mesmas. Essas vítimas

possuem algum estereótipo que lhe remete a lembranças de algo ou alguém, essas pessoas são catalogadas como objeto simbólico, não enxergam suas presas como pessoas iguais a ele, sempre as colocam como inferiores, por isso, escolhem pessoas mais fracas e fáceis de dominar, como prostitutas, vagabundos ou caronistas, pois, o atraso em averiguar seu desaparecimento facilita a ação do *serial killer* (CASOY, 2004).

Um exemplo de escolha através de estereótipos é o caso do maníaco do vestido de noiva, ocorrido no Brasil no ano de 1986, onde o ex-mecânico Heraldo Barroso Madureira de 37 anos, ficou conhecido por cometer assassinatos contra mulheres recém-casadas que anunciavam em jornais a venda de seus vestidos de noivas, ele se passava como comprador e marcava de se encontrar as vítimas como se estivesse interessado em comprar o vestido de noiva oferecido no anúncio.

Ao chegar até o local marcado a vítima era encurralada e obrigada a vestir o vestido de noiva e, em seguida era assassinada; ao ser preso o maníaco relatou aos policiais que cometia os crimes como forma de vingar-se de sua ex-esposa que segundo ele mantinha um relacionamento extra conjugal, no qual seu amante a pedia para colocar o vestido usado no dia de seu casamento. Na delegacia Heraldo afirmou: *“hoje, eu faço tudo isso para me vingar da minha ex-mulher”* e concluiu sua fala acrescentando, *“também tenho raiva das mulheres que se casam”*.

Tanto no caso do maníaco do vestido de noiva, como no caso de outros *serial killers*, a vítima não é vista como um parceiro de realização da sua fantasia, mas como o objeto da fantasia, sendo assim, quando caem em sua teia sedutora as vítimas se deparam em um jogo de gato e rato, sem muitas chances de saída. São pessoas sádicas e o que mais lhe importa é a obtenção de seu gozo, na busca desse gozo não medem esforços na hora de torturar, humilhar e matar.

Durante o período em que a vítima está em seu domínio não hesitam ao tortura-las, em alguns casos eles chegam a fazer com que as vítimas desmaiem e logo em seguida voltam a reanimá-las, para que possam prosseguir com seu jogo de massacre, assim prosseguem até que finalmente matem suas presas definitivamente, ao matar, humilha a vítima, para reafirmar seu poder e reafirmar sua autoestima, para que haja prazer é realizado um circuito energético interno do psiquismo, da libido (WANDERLEY, 2004, p. 12).

O pesquisador Dr. Joel Norris (PhD. em Psicologia e escritor), em uma de suas pesquisas nos apresenta que esses indivíduos passam por um ritual de seis fases ao colocarem suas fantasias em prática, sendo elas:

1. **Fase Áurea:** onde o assassino começa a perder a compreensão da realidade;
2. **Fase da Pesca:** quando o assassino procura sua vítima ideal;
3. **Fase Galanteadora:** quando o assassino seduz ou engana sua vítima;
4. **Fase da Captura:** quando a vítima cai na armadilha;
5. **Fase do Assassino ou totem:** auge da emoção para o assassino;
6. **Fase da Depressão:** que ocorre depois do assassinato (BAPTISTA, 2015, p. 15).

Segundo essa pesquisa essas fases são vivenciadas pelo assassino antes, durante e depois de cada ato praticado pelo serial e, quando concluem a última etapa dessas seis fases, eles são tomados por uma enorme fúria de si e, tempos depois iniciam todo o ciclo novamente.

É incorreto dizer que a prática desses atos sempre irão acontecer na mesma cidade ou local que o anterior, pode ser que após um pequeno espaço de tempo, o sujeito volte a atacar em cidades ou regiões próximas, o intuito de atacarem em lugares diferentes é o de confundirem as autoridades que estão a sua procura, pois, assim como no caso dos psicopatas, o *serial killer*, também sente prazer ao acompanhar o andamento das investigações dos estragos provocados por ele, e o tempo de duração de cada assassinato, varia de 36 a 94 minutos (BAPTISTA, 2015, p. 74).

Em Vancouver (Canadá), o Dr. Kim Rossmo, um detetive especializado nesses tipos de casos, foi o responsável em dividir os perfis geográficos de cada *serial killer*, essa divisão ocorre através da forma de escolha das vítimas de cada *serial killer*, e eles são classificados como: a) caçador: realiza a busca da vítima de acordo com o local onde reside; b) furtivo: viaja para outro lugar durante a caçada de sua vítima; c) oportunista: encontra a vítima enquanto realiza outras atividades; d) ardiloso: desempenha uma profissão que lhe admite encontrar as vítimas dentro de um ambiente que possui controle (SILVA, 2013).

Em casos extremos de crueldade e perversidade, após confirmar a morte da vítima, alguns *serial killers* poderão ter relação sexual com o corpo de sua vítima, além de levarem para casa, algo que seja pertencente à vítima como, por exemplo, peças de roupa, fios de cabelo, entre outros. Ao levarem esses objetos para casa,

sente-se vitorioso, é como se estivesse ganho um “troféu”, e ter sido bem sucedido em sua noite de caça, sendo assim, esses indivíduos somente irão parar quando forem presos ou mortos, caso contrário permanecerão cometendo seus delitos.

Quando presos, alegam inocência com o intuito de manipular o ambiente e fazer com que todos ali presentes acreditem em sua inocência, mesmo que existam provas que contribuam para sua condenação como, por exemplo, objetos pessoais das vítimas, fotografias, os mesmos tendem a continuar negando seu envolvimento no crime (ALVAREZ, 2004).

Não se deve subestimar a inteligência destes indivíduos, pois, os mesmos sabem ser empáticos com os que estão ao seu redor, são donos de uma inteligência e carisma superficial que facilmente faça com que os outros acreditem em sua falsa bondade, por isso, devem permanecer presos, longe do convívio social, pois, se soltos certamente voltarão os mesmos atos de antes, porém, com novas vítimas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto trabalho, podemos concluir que o tema *serial killer* no Brasil ainda é muito novo, e por ser um assunto recente nota-se que as autoridades brasileiras, quando comparadas com as autoridades americanas não possuem conhecimento profundo sobre o tema, essa falta de conhecimento pode ser atribuída aos poucos materiais científicos sobre o tema no Brasil.

Nota-se também que os *serial killers* não possuem uma face, podendo ser qualquer indivíduo que circule em sociedade, que o passado familiar desses indivíduos no período da infância, é o grande contribuidor para seu desenvolvimento quando adulto. Desde criança deve ser observado como este pequeno indivíduo se comporta, pois, em seus primeiros anos de vida já é possível notar fatores que indicam o comportamento de um *serial*, entre esses fatores estão, maus-tratos com animais, masturbação excessiva, entre outros.

Não se deve afirmar que todas as pessoas que passaram por esse tipo de situação de maus-tratos ou violência quando crianças irão se tornar quando adultos assassinos em série, da mesma forma que não se pode afirmar que todo *serial killer*, pode ser diagnosticado como perverso ou psicopata, pois, não são todos os casos que possuem diagnóstico que confirmem essa teoria.

Esses indivíduos não possuem uma face específica, podendo ser qualquer indivíduo que circule na sociedade, quase sempre são pessoas bem sucedidas, tanto no sentido profissional, quanto cognitivo e amoroso, pois, a maior parte desses indivíduos são casados e tem filhos, porém, cometem seus atos criminosos, por possuírem uma carência emocional não suprida quando crianças.

Manipulam o ambiente e as pessoas que pretendem atacar com facilidade, não medindo esforços na hora de seduzir suas presas, e após conseguirem o que desejam não demonstram remorso pelo ato cometido, sendo assim, só irão parar quando forem presos ou mortos e mesmo que isso aconteça tentarão manipular a todos daquele ambiente para que acreditem em sua inocência, diante deste fato o ideal é que permaneçam presos, com acompanhamento de profissionais que compreendam o assunto, evitando que novas vítimas se deparem com tais indivíduos.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Fernando Valentim; GUSSI, Evandro Herrera Bertone. A imputabilidade dos serial killers. **Interitem@s ISSN 1677-1281**, v. 9, n. 9, 2004.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.
- ANTON, Juleine. A PSICOLOGIA FORENSE E A IDENTIFICAÇÃO DE INDIVÍDUOS PSICOPATAS. Vol. 16 Num. 24 Jul/Dez 2014 – pp. 189-207.
- AULAGNIER-SPAIRANI, Piera. A perversão como estrutura. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 6, n. 3, p. 43-69, 2003.
- BAPTISTA, Victor Wakim. Assassinos em série: o tratamento concedido aos psicopatas homicidas pelo sistema penal brasileiro. 2015.
- BENAVENTE, Renata. Perturbação de comportamento na infância: diagnóstico, etiologia, tratamento e propostas de investigação futura. **Análise Psicológica**, v. 19, n. 2, p. 321-329, 2012.
- BINS, Helena Dias De Castro; TABORDA, José Geraldo Vernet. Psicopatia: influências ambientais, interações biossociais e questões éticas. **Revista debates em psiquiatria** - Jan/Fev 2016.
- CALHEIROS, Mafalda Gonçalves. Psicopatia e perversão: Características comuns e diferenciais, processos de passagem ao acto e perfil criminal. Tese de Doutorado. ISPA-Instituto Universitário, 2013.
- CASOY, Ilana. Serial Killer Louco ou Cruel?. **Ediouro Publicações**, 6.ed., São Paulo: Madras, 2004.
- CASOY, Ilana. Serial killers: made in Brasil. Arx, 2014.
- CORRÊA, Carlos Pinto. Perversão: trajetória de um conceito. **Estudos de Psicanálise**, n. 29, p. 83-88. Rio de Janeiro, 2006.
- DAVOGLIO, Tércia Rita; DE LIMA ARGIMON, Irani Iracema. Avaliação de comportamentos anti-sociais e traços psicopatas em psicologia forense. **Avaliação psicológica**, v. 9, n. 1, 2010.
- DAVOGLIO, Tércia Rita, et al. "Medida Interpessoal de Psicopatia (IM-P): estudo preliminar no contexto brasileiro." **Trends in psychiatry and psychotherapy** 33.3 (2011): 147.
- DE ALMEIDA PFITSCHER, Mariana; BRAGA, Diego Bastos. ESTRUTURA PERVERSA: EFEITOS MIDIÁTICOS E ARTICULAÇÕES COM O SOCIAL. UFSM - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria / RS. 2012.
- EMILIO, Caroline Souza. Psicopatas homicidas e as sanções penais a eles aplicadas na atual justiça brasileira. 2013.

FERRAZ, Flávio Carvalho. Perversão–Clínica Psicanalítica. **Casa do psicólogo**. São Paulo, 2010.

GONÇALVES, Allan Moura Oliveira. TRAÇO PERVERSO NA NEUROSE. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC). Betim, 2008.

HARRATI, Sonia et al. **Délinquance et violence**. A. Colin, 2006.

HENRIQUES, Rogério Paes. De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência. **Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental**, v. 12, n. 2, 2009.

LETNER, Loivaet *al.* Psicopatia e suas características. **Revista mãe de Deus**, v. 4, Setembro de 2013.

MACEDO, Andressa Luiza Cattaneo. Estruturas Clínicas: reflexões sobre o papel do Complexo de Édipo na formação das estruturas. Universidade do Vale do Itajaí. Bigaçu, 2009.

MARTA, Taís Nader. Assassinos em série: uma questão legal ou psicológica?. **Revista USCS**, n. 17, jul./dez. 2009.

MORANA, H.; STONE, M. Filho, E. (2006). Transtorno de Personalidade, Psicopatia e Serial Killers. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, p. 74-9.

MORANA, Hilda Clotilde Penteadó. Identificação do ponto de corte para a escala PCL-R (Psychopathy Checklist Revised) em população forense brasileira: caracterização de dois subtipos de personalidade; transtorno global e parcial. 2003. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MURIBECA, Mercês. Seven, “os sete crimes capitais” de David Fincher: a mente do psicopata. **Cógito**, v. 9, p. 77-81, 2008.

OLIVEIRA, Alexandre Carvalho Lopes de. Análise da figura do psicopata sob o ponto de vista psicológico-moral e jurídico-penal. **Puc-Rio, Departamento de Direito**, 2011.

PAULA, Laerte de; BERLINCK, Manoel Tosta. Uma estética para o gozo perverso. **Trivium-Estudos Interdisciplinares**, v. 8, n. 1, p. 54-59, 2016.

Portal o Aprendiz Verde. Disponível em: <http://oaprendizverde.com.br/2014/05/11/reportagem-retro-o-maniaco-do-vestido-de-noiva/>. Acesso em 13 de outubro de 2017.

REZENDE, Bruna Falco de. Personalidade psicopática. Barbacena, 2011.

SALDANHA, Leandra Cristina Barbosa. O comportamento do paciente psicopata e suas conseqüências perante a sociedade. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SANTOS, Adelson Bruno dos Reis; BESSET, Vera Lopes. A perversão, o desejo e o gozo: articulações possíveis. **Estudo psicologia** v. 30, n. 3, p. 405-413. Campinas, 2013.

- SAMPAIO, Flávia Raquel Sousa. Serial killer: análise criminológica e debates doutrinários no Brasil sobre sua imputabilidade. Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2015.
- SANTOS, Gabriela Pacheco. Expressões da psicopatia na literatura e no cinema. Ariquemes, FAEMA 2016.
- SCHERER, Amanda Leticia *et al.* Psicologia forense: um diálogo entre *criminal minds* e psicologia. Dourados - MS, vol. 05, n. 12, p. 307-316, jan-jun 2016.
- SEQUEIRA, Vania Conselheiro. Pedro e o lobo: o criminoso perverso e a perversão social. **Psicol. teor. pesquisa**, v. 25, n. 2, p. 221-228, 2009.
- SILVA, Amanda Monique da. O perfil criminológico dos assassinos em série. Caruaru 2017.
- SILVA, Bianca I. L. S. da. *et al.* *Serial killers* – situação no Brasil. São Caetano do Sul / SP 2013.
- SILVA, Fernanda Fernandes da *et al.* A sexualidade masculina e a perversão. 2012.
- SOUZA, Claudiene Barros de. PROPOSTA DE ANÁLISE DE PSICOPATIA CRIMINOLÓGICA, A PARTIR DA CONSCIÊNCIA MORAL DO HOMEM. **FIBRA Lex**, n. 2, 2017.
- STACUL, Priscila. O ENGODO PSICOPATA: crime e perversão. **Alumni-Revista Discente da UNIABEU-ISSN 2318-3985**, v. 4, n. 7, p. 48-57, 2016.
- VELLASQUES, Camila Tersariol. O perfil criminal dos *serial killers*. Presidente Prudente/SP 2008.
- WANDERLEY, Ana Carolina *et al.* Prazer, meu nome é morte. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Junho, 2004.

ANEXO- CURRICULUM LATTES